

Calar o que se pensa – aparências, máscaras e ironia na “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, e em “Mãozinhas de seda”, de Raduan Nassar.

Thiago Arnoult
Mestrando em História Social (FFLCH/USP).
thiago.arnoult@gmail.com

Resumo: A comunicação a seguir busca aproximar os contos “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, e “Mãozinhas de seda”, de Raduan Nassar, partindo da constatação de que cada um deles elabora a seu modo uma reflexão crítica acerca do cultivo das aparências como dispositivo central do funcionamento das relações sociais no Brasil dos séculos XIX e XX. Cada um desses autores lança sobre o fenômeno abordado um olhar crítico que se desdobra na elaboração de um discurso irônico, cujo objetivo é apontar para a aparente impossibilidade de superação do impasse nas diferentes circunstâncias sociais e históricas.

Palavras-chave: História; Literatura; Machado de Assis; Raduan Nassar; ironia;

Do conjunto da obra publicada de Raduan, “Mãozinhas de seda” é seu texto mais recente: foi escrito em 1996, especialmente para ser publicado como inédito no volume dos *Cadernos de literatura brasileira* do Instituto Moreira Salles que foi-lhe dedicado naquele mesmo ano. Devido a uma mudança de planos por parte do autor, o conto só viria a público no ano seguinte, como parte de *Menina a caminho e outros textos* (1997). É um texto difícil de ser classificado. Por sua temática cultural e histórica, por sua postura crítica e por sua argumentação pouco convencional e não-linear, o texto faz lembrar o gênero ensaístico. Por outro lado, pelas referências biográficas e alusões à vida da pequena cidade interiorana em que Raduan cresceu, o texto reveste-se de feições que remetem à memorialística, misturando biografia e crônica social. Estevão Azevedo¹ também assinalou a componente ensaística do texto, tomando emprestada de Alfredo Bosi a noção de “conto-teoria”, categoria forjada para pensar alguns dos contos de Machado de Assis, entre os quais o famoso “Teoria do medalhão”. O empréstimo de que se vale Azevedo é tão mais pertinente na medida em que o texto de Raduan faz-se em franca alusão ao célebre diálogo machadiano, podendo ser lido como uma (sub)versão daquela teoria, transposta agora para os tempos “largos e tão liberais” a partir dos quais fala nosso autor.

¹ AZEVEDO, Estevão. *O corpo erótico das palavras: um estudo sobre a obra de Raduan Nassar*. São Paulo: Perspectiva, 2019. Página xviii.

Como se sabe, “Teoria do medalhão” consiste num diálogo entre pai e filho, travado na noite em que o rapaz celebra seu vigésimo primeiro aniversário, quando se dá, portanto, seu ingresso na maioridade. A conversa transcorre toda no quarto de dormir do jovem, depois de já terem partido os convidados e antes do descanso noturno. Aproveitando o momento que sucede o convívio social da festa e antecede o recolhimento ao espaço mais íntimo e individual do leito de dormir, valendo-se desse intervalo privilegiado entre extroversão e repouso, o pai ministra ao filho as últimas palavras que este deverá ouvir antes de atravessar a noite de sono que representa o umbral da vida adulta. As palavras paternas contêm a sùmula de certa sabedoria prática e são partilhadas na esperança de contribuir para o sucesso de Janjão – apelido carinhoso para um nome que não chega a ser revelado (João?), pelo qual ficam sugeridas a lentidão da personagem, sua pouca inteligência e astúcia. Essa suspeita é confirmada pela desconcertante declaração paterna: “tu, meu filho, se não me engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício [de medalhão]”. Talvez inseguro quanto ao tino do filho, o pai apresenta-lhe sua “teoria” com perfeita clareza e abundantes ilustrações, assumindo tom professoral e empenhando-se em fazer-se tão didático quanto possível.

Ocorre, porém, que toda a clareza e didatismo do discurso paterno é votado a propósitos algo duvidosos. Ainda que se reporte a práticas largamente difundidas na sociedade brasileira de então, não são recomendações que pudessem ser feitas abertamente. Daí que logo no início do conto o pai ordene: “Feche aquela porta; vou dizer-te coisas importantes”. De modo que os conselhos do pai não serão tanto no sentido da correção das insuficiências do jovem, quanto naquele de seu bom emprego, visando seu ótimo aproveitamento. Afinal, sendo bem empregada e devidamente cultivada, a “inópia mental” pode revelar-se uma dádiva... Essa sabedoria, exposta a Janjão em momento decisivo de sua vida, consistirá, pois em acautelar o rapaz das inseguranças a que estão todos expostos na “enorme loteria” da vida. E nada melhor para precaver-se diante do risco do infortúnio e do malogro na vida do que revestir a própria imagem com os lustros do prestígio social, fazendo-se exímio no ofício de medalhão, exercido à risca, com arte e requinte. Diz o pai: “Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente (...)”. Toda a prédica paterna consistirá numa minuciosa descrição de gestos e condutas que deverão ser cuidadosamente observados pelo rapaz a fim de que ele conquiste boa posição, auferindo a

glória e os privilégios assegurados aos que fazem boa figura numa sociedade que parece ter convertido a pura aparência em sua própria essência.

Publicado originalmente em 1881 na *Gazeta de Notícias*, o conto é um verdadeiro manual de instruções pelo qual se explicita a descarada inversão de valores vigente na sociedade brasileira em geral e, de maneira mais particular e aguda, nas camadas médias e letradas da capital. Talvez possamos dizer tratar-se o conto de um compêndio de (des)educação extremamente didático. Em “A máscara e a fenda”, Alfredo Bosi sugere que esse “trabalho da educação residirá, talvez, neste esforço: conduzir o homem à crença nas opiniões correntes, que são um nada, mas um nada garantido, isento dos revezes da contradição”.² Daí que a tibieza intelectual de Janjão seja valorizada pelo pai – é ela que propiciará o franco ingresso do rapaz no “regime do aprumo e do compasso”, poupando-o de malogros inúmeros.

O conto de Machado situa a sabedoria cristalina do pai de Janjão nas antípodas do pensamento esclarecido, tal como este fora definido quase cem anos antes da redação da “Teoria do medalhão”, numa das mais célebres passagens de Kant:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.³

O discurso da personagem de Machado vira Kant de pernas para o ar. Exatamente no momento de saída de sua minoridade, Janjão é encorajado por seu pai a abrir mão daquilo que, para Kant, definiria a maioridade. Ao invés de incentivar a superação daquele estado de mediocridade intelectual a que conclama o *sapere aude* kantiano, o lema do medalhão será abrir mão de toda e qualquer ideia que provenha do próprio entendimento – sobretudo daquelas que possam afastar-se do “equilíbrio comum”, entendido, este sim, como ideal a ser buscado. O exercício do pensamento crítico, autônomo e livre dos preconceitos e tutelas que se impõem na sociedade afiguram-se ao medalhão como risco a ser cuidadosamente evitado, pois ameaçariam desmentir a aparência de perfeita conformidade com a ordem vigente,

² BOSI, Alfredo. “A máscara e a fenda”. In: _____. *O enigma do olhar*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2007. Página 92.

³ KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é ‘Esclarecimento?’”. In: _____. *Textos seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. Página 100.

abalando o aprumo, o compasso e o equilíbrio que lhe garantem a consagração social. As recomendações vão no sentido da elaboração de um discurso bem fundamentado no lugar-comum e que a este não se contraponha. Segundo Bosi, “com a redução e, se possível, a morte das diferenças, cresce a face externa e pública do candidato: a ‘Teoria do medalhão’ conhece o valor preciso da propaganda cujo papel é ostentar a forma vencedora, a única que interessa à *persona social*”.⁴

Para Kant, a passagem para a maioria definia-se pelo abandono da condição de heteronomia e pelo gesto corajoso de fazer uso do próprio entendimento, prescindindo dos juízos e chancelas de outros indivíduos, das instituições ou da sociedade. Machado parece sugerir o contrário: o ingresso na maioria e, principalmente, o sucesso na vida adulta dependeriam da admissão da necessidade dessa postura de fazer-se conforme à média geral. Da submissão e identificação com a ordem vigente – pense-se no conto “O espelho” – depende o sucesso e a consagração do aspirante a medalhão, que acaba por tornar-se legítimo representante dessa ordem, pois

o medalhão traz em si o carisma da autoridade, é a voz sempre igual da soberania e de seus validos; e se o candidato ao galarim da fama deve reprimir e suprimir afetos ou ideias espontâneas, é porque a vida social média tampouco tolera que se mostre a cara por um minuto sequer. A mascarada é séria.⁵

“Mãozinhas de seda” foi escrito mais de cem anos depois do conto de Machado. Nele, Raduan debruça-se e elabora ao seu modo a temática da importância das aparências e da inversão de valores na sociedade, concentrando um olhar astuto e cáustico no perfil de certos intelectuais. Agora, porém, já não se trata de um diálogo entre pai e filho, mas de uma narrativa em primeira pessoa que oscila entre diferentes gêneros, misturando elementos do conto, da crônica, da memorialística e do ensaio crítico, sem perder o dinamismo e certa fluidez coloquial. E a sabedoria prática que no conto de Machado era encarnada pela personagem paterna, será agora representada pela memória do bisavô e numas poucas frases confiadas ao bisneto. Passemos ao texto de Raduan.

“Cultivei por muito tempo uma convicção: a maior aventura humana é dizer o que se pensa”. Assim inicia-se “Mãozinhas de seda”, cujo desenvolvimento, pode-se dizer, consistirá

⁴ BOSI, *op. cit.*, página 93.

⁵ *Idem.* Página 94

no progressivo desabono da crença longamente cultivada. Tanto é que imediatamente após a exposição dessa máxima, o texto prossegue com uma contra-máxima: “Meu bisavô, vigilante, puxava da algibeira esta moeda antiga: ‘A diplomacia é a ciência dos sábios’”.

Pouco depois, uma segunda fórmula nos é apresentada, esclarecendo um pouco mais o sentido daquela ciência dos sábios: “O negócio é fazer média”, dizia o ancião, colocando ênfase na palavra *negócio* e transmitindo a sentença como um segredo de família, puxando a cabeça do jovem bisneto e soprando-lhe o preceito ao ouvido: assim como o pai de Janjão, que ordena ao jovem que fechasse a porta antes de apresentar-lhe suas ideias, é com um segredo que o bisavô compartilha essa segunda frase, completando perfeitamente a primeira. Para o bisavô, é vantajoso buscar agradar os demais, evitando as contradições e desavenças que não levam a lugar algum. O negócio é ser diplomático; a ciência dos sábios – delicada matemática – é fazer média.

Assim como ocorre na “Teoria do medalhão”, o bisavô compartilha suas fórmulas na esperança de propiciar ao jovem bisneto um futuro isento dos reveses que a loteria da vida duramente impõe aos incautos e ingênuos. Daí que depois do elogio da diplomacia e do *fazer média*, a fim de assegurar-se de que o recado fora dado e a mensagem bem compreendida, a terceira sentença do bisavô impõe uma clara interdição: “Nada de porraloquice. Me promete”.

A evocação dessa terceira máxima sapiencial – “nada de porraloquice” – conclui o primeiro movimento do conto, e a narrativa muda de direção. Ou melhor, muda de foco, passando para o universo social de Pindorama, cidade onde Raduan nasceu e viveu os primeiros anos de sua infância. Mais precisamente, são evocados os meses de setembro, quando ocorria o Baile da Primavera, precedido por uma grande animação na cidade. O índice desse fervilhar de expectativas, anseios e desejos que movimentavam inúmeras famílias, Raduan encontra num curioso fenômeno: o repentino esgotamento dos estoques de pedra-pomes das farmácias da cidade, motivado pelo desejo de moças “entre acanhadas e ar distraído” – isto é, buscando dissimular suas intenções – de eliminar os calos de suas mãos.

Apagando os traços da lida diária impressos nas palmas das mãos das moças de Pindorama, tornando-as mais macias e delicadas pela eliminação temporária das marcas do trabalho e de outras atividades, tão pouco conformes àquelas moças em flor, a pedra-pomes atuava decisivamente para que todo esse jogo de mãos se fizesse mais sedutor e conforme à atmosfera cuidadosamente forjada da noite de baile. Do manuseio dessa pedrinha “cinza e porosa, vendida em tamanho pouco maior que um ovo de galinha”, parecia depender o

próprio futuro da mocidade de Pindorama. Seguindo o viés interpretativo de Estevão Azevedo, que fala da importância do erotismo na prosa de Raduan, vale notar que a pedrinha é descrita com o adjetivo *amorfa*. Sem forma, ela é utilizada para modelar mãozinhas que, por sua vez, encarnarão o informe por excelência: o desejo.

A evocação dessas mãozinhas de seda serve de mediação à evocação de umas outras mãozinhas de seda, também elas artificialmente (artificiosamente) sedutoras... O texto muda novamente de foco, e a Pindorama da infância dá lugar ao espaço urbano e cosmopolita das últimas décadas do século XX, em que circulam intelectuais e eruditos, assim como o jogo de ilusões e artifícios das remotas noites de baile, carregado de uma mistura de erotismo e ingenuidade, é substituído por um “escandaloso comércio de prestígio, um promíscuo troca-troca explícito, a maior suruba da paróquia”. O tempo transmuta “aquela pedra nostálgica, que antes era só pomes e se compunha com devaneios de mancebos e donzelas” na “pedra angular do mercado de ideias”. A descrição desses representantes da intelectualidade é feita nos seguintes termos:

apesar de avessos a bailes e de afetarem desdém pelas coisas mundanas, o que tenho notado é que alguns deles parecem fazer uso intensivo da pedra-pomes, ainda que pudessem dispensá-la. E com a diferença também de que as moças de Pindorama, que só usavam essa pedra uma vez por ano, davam em geral duro no trabalho. Eruditos, pretensiosos e bem providos de mãozinhas de seda, a harmonia do perfil é completa por faltar-lhes justamente o que seria marcante: rosto!

Essa ausência pode ser associada ao uso de uma máscara, remetendo às sabedorias do bisavô – “o negócio é fazer média” – e do pai de Janjão, na “Teoria do medalhão”.

É “por faltar-lhes justamente o que seria marcante”, aquilo que os tornaria identificáveis e reconhecíveis, pela ausência de uma ‘voz própria’, que o narrador fala no “aparente paradoxo” da condição do intelectual que, por sua vez, torna possível o “escandaloso comércio de prestígio” a que entregam-se.

A conclusão do conto de Raduan nos coloca novamente às voltas com a figura do bisavô e com sua derradeira máxima, mais direta impossível e colocando um ponto final definitivo na antiga convicção com que o narrador abriu o texto (“a maior aventura humana é dizer o que se pensa”). Não... como diz o bisavô, “às favas/foda-se o que a gente pensa”. A trajetória apresentada no conto, passando pelos Bailes de Primavera de Pindorama e pelos apertos de mãos com intelectuais nos grandes centros urbanos, sempre carregando na memória as máximas do bisavô, levará o narrador a adotar a perspectiva que oferecia seu

antepassado: “talvez o negócio seja fazer média, o negócio é mesmo fazer média, o verbo passado na régua, o tom no diapasão, num mundanismo com linha ou no silêncio da página”. O “verbo passado na régua” refere-se tanto à circunspeção e ao silêncio – calar as ideias próprias – como, pelo uso do termo régua, instrumento de medidas convencionadas, à elaboração de um discurso que não exceda os limites do senso comum. Sentido reforçado pela expressão “o tom no diapasão”, isto é, perfeitamente conforme ao coro já afinado por quem dá o tom, evitando quaisquer dissonâncias ou ruídos que o coloquem à margem do arranjo instituído. Daí as duas opções que enxerga para si: um mundanismo *na linha* – complemento imprescindível, dado o risco que o abandono da norma e o cair das máscaras representa – ou o silêncio da página, expressão que inevitavelmente remete ao próprio Raduan e ao seu abandono da atividade literária.

Assim, o texto conclui-se com a curiosa identificação entre o narrador e seu bisavô, quando o bisneto torna-se “finalmente um diplomata”, prolongando em si a imagem do bisavô, “que continua por sinal mais vivo do que nunca, rindo às gargalhadas na surdina”. O narrador traça agora as botinas de pelica, o colete, carrega no peito o anzol de ouro do relógio de bolso e traz na lapela o perfume misterioso do jasmim. A conversão do bisneto no bisavô é tal que leva o narrador a exclamar contidamente – entre parênteses – num último parágrafo: “(Saudades de mim!)”

O amadurecimento do narrador leva-o a abandonar a antiga convicção de que a maior aventura humana consiste em dizer o que se pensa, independentemente de convenções, régua ou diapasões. O ingênuo artifício da pedra-pomes ficou para trás, dando lugar aos tempos largos e liberais por onde circulam figuras sem rosto e com mãozinhas de seda que sequer encobrem as calosidades da lida diária... Tornando-se enfim um diplomata, o narrador recolhe-se discretamente, rindo com seu bisavô na surdina, sem fazer alarde, no silêncio da página, apenas observando com ironia a impostura circundante.

Tratando de Machado, Bosi afirma que o autor “vive até o fundo a certeza pós-romântica (...) de que é uma ilusão supor a autonomia do sujeito. E, porque ilusão, um grave risco para o próprio sujeito parecer diferente da média geral sancionada”.⁶ Também Machado, conforme aponta Bosi, parece derivar a exigência do império das aparências de uma condição

⁶ BOSI, A. *Op. cit.*, página 84.

humana definida por sua precariedade: “a necessidade de proteger-se e de vencer na vida – mola universal – só é satisfeita pela união ostensiva do sujeito com a Aparência dominante”.⁷

Também no texto de Raduan há ironia, “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios... feição própria dos cétricos e desabusados”, mas é uma ironia mais amarga, pois provém do reconhecimento de uma derrota; da descoberta do engano de que a maior aventura humana seria dizer o que se pensa, para passar em seguida a dizer com o bisavô, “foda-se o que a gente pensa”. Dessa atitude dependeria o êxito na vida, a superação da “precária condição humana” e até mesmo da obtenção de algum desfrute da vida. Mas a rendição à norma vigente não é incondicional. Não se trata de compactuar com o jogo de impostores e moralistas, mas de recolher-se ao silêncio da página, rindo na surdina, com discrição, mantendo sempre um olhar distante, afastado e aguçado voltado para o baile de máscaras que veio a substituir os nostálgicos bailes de Pindorama. Diante da impossibilidade de fazer cair por terra a máscara da ordem, a saída encontrada por Raduan parece consistir num meio caminho, abrindo mão de dizer aquilo que pensa, mas sem entregar-se ao comércio de prestígio.

Referências Bibliográficas

ASSIS, J. M. Machado de. “Teoria do Medalhão”. In: _____. *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

AZEVEDO, Estevão. *O corpo erótico das palavras: um estudo sobre a obra de Raduan Nassar*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BOSI, Alfredo. “A máscara e a fenda”. In: _____. *O enigma do olhar*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2007.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é ‘Esclarecimento?’”. In: _____. *Textos seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

NASSAR, Raduan. “Mãozinhas de seda”. In: _____. *Obra completa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

⁷ *Idem*. Página 87.